

A “GERAÇÃO DO QUARTO” E AS PATOLOGIAS DO VAZIO: análise psicanalítica e propostas de extensão universitária na escuta do sofrimento adolescente

Ana Júlia Caetano Medeiros¹

Robson Figueiredo Brito²

RESUMO

Este artigo investiga, sob a perspectiva psicanalítica, as patologias do vazio na adolescência contemporânea, com foco na chamada “Geração do Quarto”. A partir dos modos de dizer de adolescentes que se isolam em seus quartos, segundo pesquisa de Ferreira (2022), analisa-se como esse retraimento revela falhas na simbolização, fragilidade do *self* e enfraquecimento dos laços familiares e sociais, numa economia psíquica marcada pelo desamparo. Utilizando metodologia qualitativa e estudo de caso múltiplo, o estudo identifica que o isolamento adolescente expressa impasses subjetivos, agravados pela fragilidade parental, excesso de exigências de desempenho e carência de referências simbólicas. O quarto surge tanto como espaço de defesa quanto de prisão subjetiva, com o sofrimento frequentemente inscrito no corpo. Os resultados apontam para a necessidade de práticas extensionistas, como rodas de conversa e oficinas que promovam escuta, diálogo e acolhimento nas escolas e comunidades. Conclui-se que é fundamental uma abordagem menos patologizante e mais sensível às singularidades do sofrimento adolescente, articulando teoria, clínica e intervenção social.

Palavras-chave: adolescência; psicanálise; isolamento; patologias do vazio; geração do quarto.

ABSTRACT

This article investigates, from a psychoanalytic perspective, the pathologies of emptiness in contemporary adolescence, focusing on the so-called “Generation of the Room”. Based on the accounts of adolescents who isolate themselves in their rooms (Ferreira, 2022), the study examines how such withdrawal reveals failures in symbolization, fragility of the self, and weakening of family and social bonds within a psychic economy marked by helplessness. Using a qualitative methodology and multiple case study, the research finds that adolescent isolation reflects subjective impasses, intensified by parental fragility, excessive performance demands, and a lack of symbolic references. The room appears as both a space of defense and a subjective prison, with suffering often inscribed on the body. The findings highlight the need for outreach practices, such as conversation circles and workshops, to foster listening, dialogue, and support in schools and communities. The study concludes that a less pathologizing and more sensitive approach to adolescent suffering is fundamental, combining theory, clinical practice, and social intervention.

Keywords: adolescence; psychoanalysis; isolation; pathologies of emptiness; bedroom generation.

INTRODUÇÃO

A proximidade fonética entre *adolescer* e *adoecer* nos coloca diante de uma reflexão fundamental sobre os sentidos e desafios desse período do desenvolvimento. Enquanto

¹ Graduanda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: anaju16medeiros@gmail.com.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor adjunto do departamento de Filosofia. Coordenador do LEPPPAI – Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização da PROEX na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: robson.pucminas@gmail.com.

adolescer remete, em sua etimologia, ao crescer, brotar e fortalecer-se, adoecer traz a marca do afligir-se, do debilitar-se e do sofrer, tanto em sua dimensão corporal quanto simbólica (Adolescer, 2001; Adoecer, 2001). Essa similaridade não se caracteriza somente enquanto dado linguístico curioso, mas traduz a experiência ambígua da adolescência: um tempo simultaneamente marcado pela potência do vir-a-ser e pela vulnerabilidade ao sofrimento.

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento expressivo nos índices de sofrimento psíquico entre adolescentes, tanto no Brasil quanto internacionalmente, com quadros de retraimento, autolesão e suicídio atingindo proporções alarmantes. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2021), uma em cada sete pessoas entre 10 e 19 anos enfrenta pelo menos uma psicopatologia, e o suicídio já figura como uma das principais causas de morte nessa faixa etária. No cenário brasileiro, dados recentes da Fundação Oswaldo Cruz (2024) apontam para um crescimento acentuado de autolesões e mortes por suicídio entre adolescentes, reforçando o caráter urgente do tema.

No contexto desse cenário, o fenômeno do isolamento adolescente – especialmente aquele marcado pelo recolhimento aos quartos e pela substituição das relações presenciais por vínculos mediados pela tecnologia – tornou-se objeto de preocupação crescente entre pesquisadores, educadores e profissionais de saúde mental. Em sua obra *A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar*, Ferreira (2022)³, descreve o surgimento de um perfil recorrente de adolescentes que, diante das exigências do mundo contemporâneo, do enfraquecimento dos laços familiares e da saturação de estímulos, optam por uma espécie de clausura voluntária. Esse movimento de retirada do convívio social e familiar pode ser compreendido como reação ao excesso de demandas externas, mas sobretudo como expressão de um retraimento psíquico profundo e de uma dificuldade de simbolizar experiências de angústia, perda e desamparo.

Tais fenômenos se inserem em um contexto mais amplo de transformações sociais, em que a cultura do desempenho, a fragilidade dos referenciais parentais e o excesso de estímulos digitais desafiam os adolescentes a encontrar formas próprias de elaboração do sofrimento. O

³ Hugo Monteiro Ferreira é um Psicólogo brasileiro, Pós-Doutor em Estudo da Criança, Doutor em Educação, e especialista em Saúde Emocional e Mental de Crianças, Adolescentes e Jovens. Em 2014 o autor foi finalista do Prêmio Jabuti, uma das mais prestigiadas premiações literárias do Brasil. Seu livro *A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar* (Ferreira, 2022) oferece uma análise profunda sobre o fenômeno da ‘Geração do quarto’, caracterizada pelo isolamento social e pela substituição dos vínculos interpessoais por interações exclusivamente digitais. No livro, o autor se propõe, por meio de entrevistas, a escutar adolescentes que se enquadram no seu conceito de ‘Geração do quarto’, acerca da vivência desse fenômeno e suas implicações. A obra se destaca por sua relevância acadêmica e social, ao tratar de forma inovadora e sensível o tema da saúde mental e do sofrimento psíquico de crianças e adolescentes, consolidando-se como referência na área.

corpo, nesse cenário, frequentemente emerge como palco de inscrição privilegiada do mal-estar, por meio de sintomas como cortes, distúrbios alimentares e comportamentos autodestrutivos.

Diante desse panorama, a presente pesquisa propõe-se a articular o fenômeno da “Geração do Quarto” aos fundamentos da teoria psicanalítica, privilegiando conceitos como simbolização, *self*, laço, vazio e falha ambiental. O isolamento adolescente é aqui interpretado como possível sintoma social e como manifestação de uma fragilidade do *self*, atravessada por falhas nas experiências de reconhecimento e de sustentação simbólica. Trata-se de compreender como o recolhimento voluntário pode expressar formas contemporâneas de esvaziamento subjetivo e de ruptura dos vínculos com o Outro, situando tais experiências no contexto das chamadas patologias do vazio.

O problema central que orienta este estudo é: de que maneira os modos de dizer dos adolescentes da chamada “Geração do Quarto” revelam manifestações das patologias do vazio e quais elementos psicanalíticos podem contribuir para a compreensão desse fenômeno? O objetivo geral é analisar, à luz da psicanálise, como os discursos e relatos dos adolescentes expressam o esvaziamento subjetivo, a fragilidade do *self* e a ruptura dos laços simbólicos na adolescência contemporânea. De modo específico, busca-se investigar os sentidos subjetivos atribuídos ao isolamento no quarto, discutir os efeitos da fragilidade dos referenciais parentais e da lógica do desempenho, e refletir sobre as formas de sofrimento inscritas no corpo enquanto tentativas de simbolização frente ao colapso do laço social.

Dessa forma, o presente estudo pretende contribuir para o debate clínico e teórico sobre a adolescência na contemporaneidade, evidenciando a urgência de escuta e de práticas de intervenção que considerem o sujeito adolescente em sua complexidade e sofrimento singular. Ao interrogar o silêncio dos quartos e as formas de retraimento, busca-se lançar luz sobre as possibilidades de reinvenção subjetiva e de reconstrução do laço em tempos de vazio simbólico e de sofrimento silencioso.

Nesse sentido, este estudo também busca oferecer subsídios para o desenvolvimento de práticas extensionistas, reconhecendo o compromisso da universidade em aproximar o conhecimento acadêmico das demandas da sociedade. Ao sugerir a implementação de rodas de conversa e oficinas formativas voltadas à escuta do sofrimento adolescente, pretende-se que este trabalho possa servir de base para futuras ações extensionistas, articulando teoria, clínica e intervenção social. Dessa forma, o artigo reafirma a importância da universidade na promoção da saúde mental, no fortalecimento de vínculos e na construção de respostas coletivas aos desafios enfrentados por adolescentes, escolas e comunidades.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A adolescência, tal como é entendida hoje, resulta de uma construção histórica recente, marcada por profundas transformações culturais e sociais. Conforme demonstrou Philippe Ariès (1981), antes da modernidade, a passagem da infância à vida adulta ocorria de modo direto, sem a existência de uma etapa intermediária formalmente reconhecida. A consolidação da adolescência como fase específica do desenvolvimento humano só se deu a partir do século XVIII, intensificada pelas mudanças trazidas pela Revolução Industrial, quando novas demandas sociais e familiares passaram a exigir uma preparação prolongada dos jovens para a vida adulta (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010).

A psicanálise entende a adolescência enquanto tempo lógico de intensa reorganização psíquica, em que se reeditam e transformam conflitos infantis, elaboram-se lutos simbólicos e o sujeito é chamado a construir uma nova posição diante de si, do outro⁴ e do desejo. Anna Freud (2012) já indicava que a fronteira entre o normal e o patológico é particularmente tênue nesse período, dada a inevitável instabilidade do processo. Em vez de nos ocuparmos com a patologização, cabe-nos reconhecer a especificidade desse momento em que o sujeito perde, de modo definitivo, a condição infantil e se vê compelido a adentrar o universo adulto – processo vivido simultaneamente como conquista e ameaça (Aberastury; Knobel, 1981).

A puberdade impõe uma cisão importante na experiência corporal e subjetiva do adolescente. O corpo, anteriormente investido narcisicamente e vivido como familiar, subitamente se torna estranho e sexualizado, exigindo do sujeito uma reinscrição frente ao desejo próprio e do outro. As transformações anatômicas e hormonais provocam um descompasso entre maturação biológica e psíquica, pois, como afirma Freud (2016), a sexualidade infantil, de natureza polimorfa, persiste e demanda novas formas de integração e simbolização (Garcia, 2023). O corpo passa a ser não só fonte de prazer autoerótico, como também objeto erógeno voltado para o outro, exigindo uma reestruturação do aparelho psíquico e a reatualização do Complexo de Édipo.

⁴ Neste artigo, utilizamos as formas “outro” e “Outro” com distinção intencional. O termo “Outro”, com inicial maiúscula, refere-se à noção psicanalítica de Outro simbólico – instância da linguagem, da Lei e da cultura, que estrutura o desejo e a subjetividade do sujeito. Já o termo “outro”, com minúscula, é usado para designar o semelhante concreto, o próximo, com quem o sujeito se relaciona no campo da realidade empírica ou imaginária. Embora não nos baseemos prioritariamente na teoria lacaniana, essa distinção se mostra operativa para a compreensão dos processos psíquicos analisados ao longo do texto, por isso essa explicação se fez precisa.

Nesse contexto, a dissolução dos investimentos infantis e a reorganização da libido implicam a necessidade de elaboração de lutos simbólicos. O adolescente precisa renunciar à onipotência das figuras parentais e à fantasia de completude que sustentavam seu narcisismo infantil (Freud, 2011). O processo de desidealização parental é vivido como perda, mas também como condição para o estabelecimento de novos laços e ideais, agora voltados para fora do núcleo familiar. Isso porque o luto, segundo Freud, implica a retirada do investimento libidinal de um objeto perdido, permitindo ao sujeito redirecionar sua energia psíquica para novas figuras e pertencimentos.

Além disso, a adolescência, mais do que um tempo de instabilidade, é um tempo de exposição: o adolescente encontra-se diante do olhar do outro – pais, pares, sociedade – que o interpela, julga e idealiza (Freud, 1976). O olhar contemporâneo, virtualizado e permanente das redes sociais, acentua ainda mais esse efeito de exposição, intensificando o sentimento de inadequação e o risco de rejeição. É nesse ponto que se articula a experiência central da angústia adolescente, testemunho de uma perda simbólica ainda sem nome, mas também motor da busca por novos sentidos e lugares no mundo.

A singularidade do sofrimento adolescente contemporâneo não pode ser compreendida sem considerar as profundas transformações socioculturais das últimas décadas. O mal-estar descrito por Freud (1996) como inerente à vida em sociedade assume, na contemporaneidade, novas formas: já não se sustenta apenas sobre a repressão, mas sobre a exigência incessante de desempenho, produtividade e realização (Birman, 1999; Kehl, 2009). A lógica capitalista, associada ao discurso da ciência e da tecnologia, instaura a cultura do excesso, em que o sujeito é chamado a gozar, a consumir e a expor-se continuamente, mesmo que isso intensifique experiências de vazio, desamparo e exaustão (Bauman, 2001; Han, 2017).

Nesse cenário, as patologias do vazio, passam a predominar: o sofrimento já não emerge, majoritariamente, como neurose clássica, mas como estados de esvaziamento subjetivo, sentimentos de não integração e dificuldade de enraizamento (Birman, 1999; Brum, 2004). Essas condições podem ser entendidas tanto como efeitos de uma cultura saturada de estímulos e carente de referenciais simbólicos, quanto como consequências de falhas precoces na constituição do *self*, conforme destacado por Winnicott (1983, 2005). O excesso de objetos e a fragmentação dos laços simbólicos favorecem a formação de um falso *self*⁵: sujeito adaptado externamente, mas desvitalizado internamente.

⁵ Segundo Winnicott (1983), o verdadeiro *self* diz respeito ao núcleo autêntico da personalidade, originado a partir das experiências iniciais de espontaneidade, criatividade e continuidade do ser, possíveis quando o ambiente é suficientemente bom para acolher e responder às necessidades do bebê. O falso *self*, por sua vez, é uma estrutura

A adolescência se torna, assim, palco privilegiado para a manifestação desses novos modos de sofrimento. Os sintomas aparecem frequentemente de modo silencioso ou atuado; automutilações, transtornos alimentares, retraimento social e tentativas de suicídio são respostas aflitas ao excesso que invade o corpo e à ausência de recursos simbólicos para elaboração psíquica (Derzi, 2022; Fajnwaks, 2022). O corpo, nesse contexto, é convocado a expressar aquilo que não encontra inscrição na linguagem; torna-se local de inscrição direta do mal-estar e do desamparo.

Entre os fenômenos mais emblemáticos da adolescência contemporânea está o recolhimento ao quarto, identificado por Ferreira (2022) como característica de uma ‘Geração do quarto’. Esse movimento, para além de uma busca por privacidade, revela um fechamento subjetivo: o quarto se converte em abrigo simbólico diante de um mundo percebido como caótico, fragmentado e invasivo. Em vez de funcionar como espaço potencial (Winnicott, 1975) para elaboração subjetiva e experimentação, pode cristalizar-se como refúgio defensivo e palco de retraimento patológico, limitando o contato com o Outro e empobrecendo o mundo interno.

Nesse sentido, o isolamento adolescente é atravessado por múltiplas determinações. No âmbito digital, a migração dos vínculos reais para as relações virtuais acentua o esvaziamento da experiência subjetiva. As interações digitais tendem a ser marcadas pela *performance*, pelo ideal e pela ausência de alteridade real, impedindo o enfrentamento das frustrações e limites necessários à simbolização e à constituição do desejo (Cordeiro *et al.*, 2022; Lima; Rocha, 2020). A precarização das trocas familiares, marcada pela fragilidade da função parental enquanto instância mediadora e simbólica, agrava a vivência de desamparo, destituindo o adolescente do Outro capaz de sustentar seu desejo e suportar sua angústia (Capanema; Vorcaro, 2019; Marcos; Hallak, 2022).

Nessas condições, o risco maior é o empobrecimento dos processos de simbolização e o predomínio de estados de paralisia do desejo. O sintoma, em vez de operar como metáfora, tende a ser assumido como identidade fixa – “sou deprimido”; “sou isolado” –, expressando o esvaziamento das possibilidades de elaboração psíquica (Deltombe, 2009). O adolescente, privado de recursos simbólicos e de referências externas sólidas, realiza sua travessia de modo solitário, frequentemente às cegas.

defensiva desenvolvida em resposta a falhas ambientais: trata-se de um modo de funcionamento no qual o sujeito se adapta excessivamente às exigências e expectativas do meio, em detrimento da própria autenticidade. O falso *self* pode proteger o verdadeiro *self*, mas, quando prevalece, resulta em um sentimento de vazio e perda de vitalidade subjetiva, comprometendo a capacidade de experienciar a vida de maneira criativa e significativa.

Portanto, compreender a adolescência à luz da psicanálise exige atenção à complexidade de atravessamentos históricos, sociais e subjetivos que caracterizam esse período. A centralidade da angústia, a desestabilização dos ideais e o corpo em metamorfose impõem ao sujeito adolescente a tarefa de criar novos referenciais, sustentar sua identidade e reinventar seus laços com o mundo. O isolamento contemporâneo, ao mesmo tempo sintoma e defesa, revela os impasses e desafios próprios de uma geração confrontada com a precarização dos vínculos, a abundância de estímulos e a fragilidade das mediações simbólicas. A escuta clínica atenta a essas dinâmicas é fundamental para a construção de respostas que possam favorecer a simbolização, a reinvenção do desejo e a travessia adolescente.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, orientada pelo método do estudo de caso múltiplo, tendo como principal objeto de análise a obra *Geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar*, de Hugo Monteiro Ferreira (2022). Essa escolha metodológica se justifica pelo objetivo de investigar, à luz da psicanálise, como as dinâmicas de isolamento e os sintomas psíquicos presentes na adolescência contemporânea podem ser compreendidos como manifestações das patologias do vazio, articulando experiências subjetivas e processos sociais. O estudo de caso múltiplo permitiu uma investigação aprofundada e contextualizada das experiências relatadas por Ferreira (2022), abrangendo uma diversidade de relatos e situações vividas por adolescentes em diferentes contextos.

Em contraste ao estudo de caso único, que se restringe a um sujeito ou situação isolada, o estudo de caso múltiplo possibilita identificar padrões, recorrências, singularidades e contrastes, enriquecendo a análise dos fenômenos ligados à constituição subjetiva e aos processos de sofrimento psíquico, sobretudo em uma abordagem qualitativa que privilegia a compreensão densa dos fenômenos, rejeitando a simples quantificação dos dados. No âmbito da psicanálise, essa metodologia favorece a escuta da singularidade do sujeito e das formas como o sofrimento se expressa no discurso manifesto, e também nos silêncios, contradições e modos de defesa mobilizados diante dos desafios próprios da adolescência.

O universo empírico da pesquisa corresponde ao material apresentado por Ferreira (2022), que investigou 3.115 crianças e adolescentes, com idades entre 11 e 18 anos, residentes em capitais das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, estudantes de escolas públicas e privadas, contemplando diversidade de gênero, orientação sexual, etnia, religião e situação

socioeconômica. A coleta de dados da obra analisada ocorreu em duas etapas: uma primeira, de caráter quantitativo, com aplicação de questionário estruturado em 70 perguntas; e uma segunda, qualitativa, envolvendo a seleção de 238 adolescentes em situações de sofrimento psíquico agudo – como autolesão, tentativas de suicídio, *bullying* e *cyberbullying* –, além da participação de responsáveis, autorizados pelos próprios adolescentes para responder a questões complementares. Todos os procedimentos metodológicos do estudo original respeitaram critérios éticos rigorosos, garantindo o anonimato dos participantes e o sigilo das informações. Embora a amostra não abarque todas as regiões brasileiras, a diversidade dos sujeitos e a profundidade das situações analisadas permitem traçar um panorama representativo dos desafios enfrentados pelos adolescentes na contemporaneidade.

A análise realizada concentrou-se nos modos de dizer dos adolescentes – ou seja, nas formas de enunciação, verbalizações, silêncios, contradições e marcas de sofrimento psíquico presentes nos discursos colhidos na pesquisa de Ferreira (2022). O conceito de modos de dizer, conforme Brito (2016), permite acessar, pelo discurso, as posições identitárias assumidas pelo sujeito, revelando valores, conflitos, defesas e modos de subjetivação, frequentemente de modo inconsciente.

Assim, os modos de dizer analisados foram tratados não como meros conteúdos temáticos, mas como expressões da relação singular do sujeito com o Outro, com a linguagem e consigo mesmo. O material empírico foi submetido a uma categorização temática, destacando manifestações como autolesão, tentativas de suicídio, vícios, retraimento social, fragilidade dos laços familiares e experiências de vazio. Após a categorização, foram selecionados os relatos mais pertinentes, considerando critérios de relevância e recorrência, além de sua capacidade de ilustrar os impasses subjetivos próprios da adolescência contemporânea.

A análise buscou integrar elementos manifestos e latentes, privilegiando o conteúdo verbal, silêncios, ambiguidades, marcas de sofrimento e modos de defesa observados, com o intuito de articular a singularidade das experiências aos contextos sociais, familiares e culturais que atravessam a adolescência na atualidade. Todo o procedimento analítico esteve ancorado no referencial psicanalítico e contemporâneo, que discute os processos de constituição do *self*, simbolização, relação com o outro e emergência das patologias do vazio. O diálogo com a literatura psicanalítica visou aprofundar a análise e sustentar interpretações consistentes para as manifestações do mal-estar adolescente, sem ampliar a amostra empírica, mas enriquecendo o embasamento teórico.

Reconhecem-se algumas limitações no material empírico analisado, tais como a abrangência geográfica restrita a duas regiões do País, o predomínio do contexto escolar e a

impossibilidade de esgotar a pluralidade das experiências adolescentes brasileiras. Ainda assim, a variedade de perfis e situações contempladas na obra de Ferreira (2022) fornece um retrato relevante dos desafios atuais, especialmente no que tange ao impacto do isolamento físico, psíquico e digital sobre a saúde mental dos adolescentes. O método adotado buscou garantir rigor, profundidade e sensibilidade diante da complexidade do fenômeno estudado, articulando dimensões subjetivas, familiares, sociais e culturais que compõem o quadro das patologias do vazio na adolescência contemporânea. Ao investigar as múltiplas facetas do fenômeno, a partir da escuta clínica e do diálogo com a psicanálise, pretendeu-se lançar luz sobre os impasses e potencialidades do processo de adotar em um contexto marcado pela fragilidade das mediações simbólicas e pelo predomínio do isolamento e da hiperconexão.

Compreendendo o compromisso social da universidade e a importância de promover espaços de diálogo e escuta qualificada junto à comunidade, este estudo propõe, como desdobramento extensionista, a realização de rodas de conversa com adolescentes e oficinas formativas destinadas a professores e pais. A roda de conversa, fundamentada na pedagogia dialógica de Paulo Freire (2018) e nos pressupostos bakhtinianos do dialogismo (Bakhtin, 2015), constitui-se enquanto metodologia participativa, horizontal e inclusiva, que visa criar um ambiente seguro, democrático e acolhedor para a expressão de experiências, dúvidas e sentimentos. Essa abordagem permite que adolescentes compartilhem suas vivências, inquietações e formas de sofrimento, favorecendo a escuta ativa e o reconhecimento mútuo.

Paralelamente, propõe-se a realização de oficinas com professores e pais/avós/responsáveis, com o objetivo de ampliar a sensibilização e a capacidade de acolhimento no âmbito escolar e domiciliar, discutindo estratégias para identificação precoce do sofrimento psíquico e para a construção de redes de apoio aos estudantes. Tais ações podem ser desenvolvidas de modo presencial ou *online*, ampliando o alcance da extensão universitária e possibilitando a participação de diferentes comunidades escolares.

A proposta metodológica ancorada na extensão universitária busca, portanto, articular ensino, pesquisa e intervenção social, promovendo a circulação da palavra, a partilha de experiências e a construção coletiva de saberes sobre a adolescência e suas demandas contemporâneas. Ao adotar práticas dialógicas e inclusivas, reafirma-se o papel da universidade na promoção da saúde mental e na formação de redes de cuidado mais sensíveis e menos patologizantes.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise empreendida nesta seção baseia-se no estudo de caso múltiplo estruturado a partir dos modos de dizer dos adolescentes investigados por Ferreira (2022), cujos relatos compõem a obra *A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar*. Esses modos de dizer foram sistematizados em eixos temáticos recorrentes, possibilitando o aprofundamento dos sentidos subjetivos e das dinâmicas psíquicas subjacentes ao fenômeno do retraimento adolescente na contemporaneidade. A discussão que se segue propõe uma leitura psicanalítica dessas manifestações, iluminando a complexidade dos sofrimentos psíquicos e as respostas sintomáticas diante do esvaziamento dos laços, da fragilidade dos referenciais e da crise do simbólico.

3.1 Clausura subjetiva, retraimento do laço e amarrações virtuais: a busca de reconhecimento na ausência do outro

O primeiro eixo que emerge da análise diz respeito ao retraimento ao quarto, fenômeno que parece revelar um sofrimento de ordem psíquica, vinculado à sensação de inadequação, ao medo do julgamento e ao desejo de proteção frente à invasão do olhar do outro. Para muitos adolescentes, o quarto deixa de ser espaço físico para tornar-se um território investido de funções simbólicas: é simultaneamente abrigo e prisão, espaço de segurança e, muitas vezes, de solidão. Como evidencia o relato: *“Eu passo o tempo todo dentro do quarto... ali é meu mundo, ali é minha casa. Só eu e meu celular, só eu e minha música”* (N., 13 anos, Recife, 2022, p. 21).

A presença constante no quarto pode ser lida, à luz da teoria psicanalítica, como movimento de defesa narcísica, em que o adolescente busca, pelo isolamento, preservar-se das exigências e frustrações próprias da alteridade. O ambiente restrito proporciona uma sensação de controle sobre o sofrimento, funcionando como zona de onipotência imaginária: *“Meu quarto me esconde do mundo e eu fico me sentindo bem forte”* (B., 14 anos, Belo Horizonte, 2022, p. 86). Esse fortalecimento, porém, é ilusório e evidencia, na verdade, a fragilidade do eu em constituição.

Ao mesmo tempo, os adolescentes não abdicam totalmente do laço, recorrendo ao universo digital como alternativa para buscar reconhecimento e pertencimento. As interações virtuais, ainda que superficiais ou mediadas por objetos de consumo, ocupam o lugar do outro real, produzindo uma rede de vínculos frágeis e por vezes perigosos: *“Eu mando mensagem para meu amigo e ele me responde na hora... a gente conversa sobre tudo”* (C., 15 anos, Maceió, 2022, p. 46). O mundo digital surge como tentativa de compensação, permitindo ao

sujeito experimentar algum grau de espelhamento narcísico, mas expõe também a vulnerabilidade frente a conteúdos destrutivos e experiências de solidão: “*Eu conheci meu amigo na internet e a gente marcou de se matar no mesmo dia...*” (J., 14 anos, Natal, 2022, p. 99).

A análise dos modos de dizer evidencia ainda que o retraimento não é motivado apenas pelo medo do real, mas por uma percepção de ameaça simbólica à integridade do *self*. A fantasia de ser alvo de julgamento constante e o receio de não corresponder aos ideais socialmente impostos contribuem para o retraimento: “*Eu fico mal quando penso que todo mundo tá olhando pra mim... Às vezes, eu nem vou pra aula, porque tenho certeza que vão rir da minha cara*” (V., 15 anos, Recife, 2022, p. 67). Tais manifestações apontam para uma dificuldade em simbolizar o desejo e a angústia, evidenciando o quanto a experiência subjetiva pode ficar à deriva em um ambiente sem referências consistentes.

Do ponto de vista winnicottiano, a preferência pelo quarto pode ser vista como busca inconsciente pelo ambiente suficientemente bom que falhou em etapas precoces do desenvolvimento, levando o sujeito a criar zonas de aparente segurança diante do desprazer do mundo externo (Winnicott, 1975). Nesses casos, o espaço do quarto não se apresenta mais como “potencial”, mas como enclave psíquico, em que a suspensão da alteridade é buscada como única saída possível para a fragilidade narcísica.

O afastamento progressivo do laço familiar e social, muitas vezes mediado pela ausência de diálogo, pode transformar o quarto no único território de proteção: “*Tem hora que eu me tranco no quarto, nem é para ficar na internet, nem é para sumir, nem é para pensar merda, é só para não ouvir a minha mãe repetir que eu sou diferente do que ela queria*” (F., 15 anos, Recife, 2022, p. 293). Aqui, o sintoma do retraimento denuncia o colapso das mediações intersubjetivas, comprometendo o processo de individuação e dificultando a elaboração simbólica do sofrimento.

A análise evidencia que, embora o fenômeno do isolamento adolescente seja multifatorial, é atravessado sobretudo por aspectos subjetivos – a dificuldade de simbolização, a fragilidade dos recursos internos para lidar com o mal-estar e a busca por uma ilusão de invulnerabilidade. As redes sociais e os ambientes virtuais funcionam como paliativos, mas não substituem a experiência de alteridade nem o laço sustentador com figuras parentais e pares.

3.2 Fragilidade dos referenciais parentais e o imperativo de desempenho: falhas na escuta e apagamento do sujeito

O segundo eixo analisado remete à fragilidade dos referenciais parentais na contemporaneidade e ao imperativo do desempenho como novo horizonte simbólico. Os modos de dizer dos adolescentes evidenciam a ausência física dos pais, mas, sobretudo, a precariedade de sua presença simbólica. Pais ocupados, absorvidos por exigências de trabalho e projetos pessoais, surgem como presenças espectrais, muitas vezes incapazes de oferecer reconhecimento ou contenção emocional: *“Meu pai mora mais tempo fora e só vem em casa como visita... minha mãe, a mesma coisa. Os dois trabalham”* (H., 12 anos, Belo Horizonte, 2022, p. 48).

Não é raro que o adolescente, diante da ausência de inscrição no desejo dos pais, busque no quarto o único território possível de existência simbólica, ainda que precário: *“Eu só queria mesmo um pouco do meu pai em casa... Quem cuida de mim e da minha irmã é Lourdes”* (R., 13 anos, Recife, 2022, p. 48). O sentimento de orfandade simbólica atravessa também o relato: *“Vejo meu pai menos do que vejo o secretário dele”* (K., 12 anos, Belo Horizonte, 2022, p. 42).

A ausência de escuta, muitas vezes substituída pelo discurso do desempenho e da performance escolar, reforça a invisibilidade do sujeito em formação: *“Aqui ninguém liga para mim; se liga, às vezes, até liga, mas é só para saber se eu vou passar de ano, se consegui resolver a equação, se sei quando o país ficou independente e se a redação será bem-feita... Eu, assim...eu mesmo, não importa muito”* (M.C., 16 anos, Recife, 2022, p. 122). O investimento dos pais recai sobre o sucesso acadêmico, enquanto a dimensão subjetiva do adolescente permanece desinvestida.

A lógica do narcisismo do desempenho (Birman, 1999) contamina o ambiente familiar, promovendo uma promessa ilusória de completude e felicidade, ao mesmo tempo que reprime a falha e os afetos negativos. A promessa de “dar o melhor” para o filho, traduzida em oferta de bens e experiências, mascara a ausência de presença simbólica: *“Eu trabalho muito, porque quero dar aos meus filhos o melhor, a melhor escola, as melhores roupas, a melhor comida, o melhor lazer, as melhores viagens. Eles merecem o melhor”* (P. (pai), 38 anos, Natal, 2022, p. 48).

Nessa engrenagem, a experiência adolescente é marcada por sentimentos de fracasso e de não reconhecimento, como expressam: *“Eu não gosto de ser assim como sou. Tá ligado?”* (P., 13 anos, Belo Horizonte, 2022, p. 37); e *“Tiro nota boa. Aí, ninguém me percebe tanto. Veem mais a gente quando a gente fica ruim nas provas”* (P., 11 anos, Rio de Janeiro, 2022, p. 20).

O impasse psíquico, reforçado pela cobrança incessante e pela ausência de espaço simbólico para sustentar as falhas e angústias, frequentemente encontra no corpo e no sintoma a via de expressão: “*A primeira vez que me cortei, usei uma gilete... O corte sossegou essa agonia. Não aguento me olhar no espelho e ver que não consigo ser o que querem que eu seja*” (J., 15 anos, Natal, 2022, p. 128). O sofrimento se materializa no corpo, apontando para o esgotamento das vias simbólicas tradicionais e a necessidade de encontrar formas alternativas de inscrição subjetiva.

Essa fragilidade dos referenciais parentais, somada ao imperativo do desempenho, torna o adolescente especialmente vulnerável ao isolamento, à apatia e à autoagressão. O quarto, nesse contexto, transforma-se em espaço de exílio, em vez de lugar de transição, e o sintoma revela-se como denúncia da precariedade dos laços e da escuta no universo familiar contemporâneo. Cientes de que as exigências sociais, capitalistas e econômicas da contemporaneidade justificam a ausência dos pais em casa, não se trata de atribuir culpa pelo enclausuramento dos filhos, mas de reconhecer que essas condições estruturais impactam a parentalidade e a sustentação simbólica necessária ao desenvolvimento do adolescente. O retraimento, o silêncio e o sofrimento psíquico dos adolescentes apontam, para uma carência que ultrapassa o aspecto material: trata-se de um vazio simbólico, resultado da ausência de um outro significativo capaz de garantir presença subjetiva e reconhecimento.

3.3 Corpo em colapso e sintomas contemporâneos: inscrição pulsional e tentativas de simbolização

O terceiro eixo aborda o corpo como palco central do sofrimento psíquico na adolescência contemporânea. Em um cenário marcado pela ausência de recursos simbólicos e pela falha da escuta parental, o adolescente é impelido a recorrer ao corpo para dar forma ao excesso de angústia. O corpo torna-se o principal meio de expressão de um mal-estar sem nome, que não encontra lugar na palavra ou na escuta do outro.

A autolesão, os transtornos alimentares, o uso abusivo de substâncias e as ideações suicidas emergem como tentativas desesperadas de simbolizar uma dor que permanece à margem da linguagem. “*Fico muito triste de repente. Aí, tipo, para passar essa tristeza, eu me cortava, queimava minha pele e me batia. Também eu bebia muito. Assim sem ninguém perceber. Eu ainda faço isso. Não sei se consigo parar*” (M., 16 anos, Maceió, 2022, p. 88). O

corpe, a queimadura ou a intoxicação funcionam como recursos provisórios para delimitar o sofrimento, oferecendo, ainda que precariamente, um sentido à experiência do vazio.

A análise dos modos de dizer evidencia que o sofrimento, ao não ser simbolizado, tende a se manifestar em atos extremos, como mostra:

Na minha sala, na escola, tem mais além de mim. A gente formou um grupo e, nas quartas-feiras, a gente se corta e, depois, a gente chora junto e, depois, a gente lista o que deve ser feito primeiro, se queimar a mão ou usar a corda no pescoço. Mas ninguém fala, é claro! (N., 13 anos, Recife, 2022, p. 21).

O corpo partilhado na dor revela a busca por pertencimento, mas denuncia, ao mesmo tempo, o fracasso das mediações simbólicas.

O colapso subjetivo impacta também o campo familiar, expondo os limites da função parental: “*Quando ela me mostrou os braços cortados, meu chão acabou... Os cortes dela me diziam que algo estava muito errado dentro da nossa casa*” (R. (mãe), 38 anos, Belo Horizonte, 2022, p. 108). A emergência dos sintomas no corpo do adolescente convoca o adulto a enfrentar sua própria limitação e o desamparo estrutural do laço familiar.

A marcação do corpo – seja pela automutilação, pelas tatuagens, pelos distúrbios alimentares, seja pelo abuso de substâncias – funciona como tentativa de delimitar fronteiras identitárias e dar testemunho de um sofrimento que, não raro, permanece sem nome: “*Minha filha já fez quatorze tatuagens. Ela nunca me disse por que fez tanta tatuagem. Ela diz que gosta, mas, de verdade, eu sinto que cada desenho desse, no corpo dela, é uma história que ela viveu. Não sei se é bom esse corpo marcado*” (M., 35 anos, Natal, 2022, p. 34).

A negatividade da autoimagem e o sentimento de inadequação também comparecem nos modos de dizer: “*Não gosto do meu nariz, nem do meu cabelo, nem do meu olho direito. [...] Sou feia. Quero mudar a cara*” (R., 14 anos, Recife, 2022, p. 80). O corpo, nesse contexto, torna-se alvo de investimentos destrutivos, em um esforço de dar existência àquilo que não encontra lugar no reconhecimento do outro.

A contemporaneidade, marcada pela lógica do excesso e da aceleração, favorece o aparecimento de quadros clínicos em que o sintoma perde seu valor simbólico, funcionando como expressão crua do gozo (Cosenza, 2011; Recalcati, 2004). O sujeito adolescente, desprovido de mediadores simbólicos consistentes, busca no corpo e nos objetos de consumo respostas para um sofrimento que, em última instância, aponta para a crise do desejo e do laço social.

3.4 Propostas extensionistas: rodas de conversa e oficinas com professores

Os resultados desta pesquisa evidenciam a urgência de criação de espaços coletivos de escuta e diálogo no enfrentamento do sofrimento psíquico na adolescência. Com base nas manifestações analisadas, propõe-se, como ação extensionista, a implementação de rodas de conversa regulares junto aos adolescentes, em ambiente escolar ou comunitário, como forma de romper com o isolamento e de favorecer a simbolização do mal-estar. Nessas rodas, coordenadas por profissionais da psicologia e da educação, adolescentes podem compartilhar experiências, refletir coletivamente sobre desafios vividos e, assim, construir novos sentidos para suas trajetórias.

Do mesmo modo, as oficinas podem ser destinadas aos professores das redes públicas e privadas e aos pais/avós/responsáveis pelos adolescentes, buscando instrumentalizar e sensibilizar os educadores para o acolhimento do sofrimento adolescente, oferecendo estratégias para identificar sinais de retraimento, promover vínculos mais humanizados e construir redes de suporte entre escola, família e serviços de saúde mental. Tais oficinas também podem abordar a importância do olhar não patologizante sobre o adolescente, valorizando a escuta e o respeito à singularidade.

Acredita-se que essas práticas extensionistas, sejam elas presenciais ou *online*, possam contribuir para a reconstrução do laço social e para a promoção da saúde mental, atuando preventivamente e ressignificando o lugar do adolescente na escola e na sociedade, isso porque a experiência relatada por Brito e Moreira (2023) destaca que rodas de conversa, fundamentadas em princípios dialógicos e de escuta qualificada, favorecem o engajamento, o pertencimento e a construção coletiva de sentidos, sendo aplicáveis tanto em contextos presenciais quanto virtuais. Nesse viés, ao articular ensino, pesquisa e extensão, a universidade cumpre seu papel social, aproximando-se das demandas reais dos adolescentes e da comunidade escolar, promovendo ações concretas de transformação e inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação aqui proposta partiu do incômodo clínico e social que o fenômeno da reclusão adolescente tem suscitado na contemporaneidade. Ao tomar a ‘Geração do Quarto’ como expressão emblemática de um mal-estar subjetivo e estrutural, foi possível, com o apoio da teoria psicanalítica, tensionar a leitura patologizante que frequentemente recai sobre esses sujeitos. Longe de assumir uma postura explicativa ou normativa, buscou-se sustentar uma escuta que privilegia o mal-estar como índice de uma falência simbólica, não como desvio a ser corrigido.

Ao longo do trabalho, a análise dos modos de dizer dos adolescentes permitiu evidenciar como o isolamento no quarto, mais do que um sintoma visível, denuncia um esvaziamento subjetivo e uma fragilidade dos laços simbólicos, marcados por falhas no ambiente familiar, ausência de escuta parental e excesso de exigências de desempenho. Tais manifestações revelam que, na contemporaneidade, o sofrimento adolescente se configura de maneira multifacetada, exigindo do campo clínico, institucional e social uma escuta renovada, menos apressada em diagnosticar e medicalizar, e mais aberta à compreensão das singularidades do sujeito.

Nesse contexto, destaca-se a importância de práticas extensionistas, como rodas de conversa e oficinas, enquanto dispositivos de intervenção capazes de promover espaços de escuta, diálogo e acolhimento coletivo nas escolas e comunidades. A extensão universitária, pode articular saberes acadêmicos e experiências vividas, favorecendo o compartilhamento de histórias, o reconhecimento mútuo e a construção de vínculos mais horizontais entre adolescentes, pais, professores e profissionais da saúde. A experiência da roda de conversa, ao criar um espaço democrático de circulação da palavra, contribui para que o sofrimento psíquico encontre expressão, sentido e possibilidades de elaboração. As oficinas com professores e pais, por sua vez, possibilitam a formação de agentes multiplicadores sensíveis às demandas adolescentes, aptos a reconhecer, acolher e encaminhar situações de sofrimento de modo não patologizante.

Nesse sentido, propõe-se como possibilidade concreta a realização de rodas de conversa envolvendo adolescentes, pais e professores, nas quais possam ser discutidas questões próprias dessa etapa do desenvolvimento. A utilização de recursos culturais, como séries audiovisuais – a exemplo da minissérie *Adolescência (2025)* – pode servir como disparador do diálogo, promovendo identificação, escuta mútua e elaboração coletiva sobre os desafios vividos pelos jovens. Tais propostas favorecem a circulação da palavra, o compartilhamento de experiências e a construção de novos sentidos, ampliando o espaço simbólico para que o sofrimento encontre formas de expressão e de acolhimento.

A clínica contemporânea da adolescência, marcada por sintomas que não se organizam mais segundo os modelos clássicos, evidencia um deslocamento do eixo da repressão para o do excesso. O que aparece em cena não é tanto o retorno do recalcado, mas o surgimento de um mal-estar sem nome, que escapa à metáfora e insiste no real do corpo, do ato ou do silêncio. É nesse ponto que a psicanálise encontra seu campo de ação: não mais na decifração apressada do sintoma, mas na sustentação do intervalo entre o não saber e o ainda não dito.

O que está em jogo é a fragilidade crescente das condições simbólicas que permitem ao sujeito adotar. O laço social rarefeito, a parentalidade esvaziada de função estruturante, a virtualização da alteridade e a lógica do desempenho atuam como forças que não apenas atravessam, mas moldam a economia psíquica do sujeito adolescente. Tais marcas não operam isoladamente, mas se entrelaçam de modo singular na constituição das patologias do vazio, que não se expressam apenas como ausência, mas como presença silenciosa e massiva do sofrimento.

É importante reconhecer as limitações deste estudo, marcadas pelo recorte empírico restrito à obra de Ferreira (2022) e pela escolha de uma abordagem exclusivamente psicanalítica. Novos trabalhos poderão ampliar o debate ao considerar diferentes contextos socioculturais, diversificar metodologias e aprofundar a análise longitudinal dos processos de subjetivação na adolescência.

Nesse sentido, este estudo não se pretendeu conclusivo. Ao contrário, sua aposta reside na abertura. A complexidade do fenômeno exige escuta prolongada, constante revisão teórica e, sobretudo, o compromisso ético de transformar a compreensão acadêmica em ação social. A “Geração do Quarto” não é um diagnóstico, mas uma interrogação lançada à cultura, aos adultos, às instituições e à psicanálise: como escutar o que se apresenta não como discurso, mas como retraimento? Que ética nos convoca quando o sujeito responde ao mal-estar com o corpo, o ato ou a ausência?

Deixar essas perguntas em suspenso é reconhecer o lugar do não saber como fundamento da prática psicanalítica. Nesse não saber – sustentado pela transferência, pela escuta, pela ética do desejo e pelo compromisso extensionista – reside a possibilidade de abertura a novos operadores simbólicos, capazes de restituir ao adolescente o direito de experimentar e reinventar suas formas de laço e de subjetivação. Que este trabalho sirva como ponto de partida para investigações e intervenções que persistam em escutar, sustentar, acolher e transformar, no cotidiano escolar e social, aquilo que tantas vezes permanece silencioso demais.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **A adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ADOECER. *In*: HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ADOLESCÊNCIA. Direção: Philip Barantini. Brasil: Netflix, 2025. Minissérie.

ADOLESCER. *In*: HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BRITO, Robson; MOREIRA, Izabela. Rodas de conversa no programa APAC: interações com as recuperandas no sistema de justiça restaurativa em Minas Gerais – Experiência de extensão universitária. *In*: SANTANA, Wilder; SARAIVA, Luciano (org.). **Educação e práticas interdisciplinares: linguagens e diálogos**. v. 2. São Carlos: Pedro e João Editores. 2023. p. 259-273.

BRITO, Robson. **Um estudo da construção de posicionamentos identitários assumidos por estudantes pibidianos em relatos orais sobre a temática do tornar-se professor**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, PUC Minas, Belo Horizonte, 2016.

BRUM, Evasina. Patologias do vazio: um desafio à prática clínica contemporânea. **Psicologia, Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 48-53, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/p74fcfV9Rjj7x7nrhzntMWj/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CAPANEMA, Carla; VORCARO, Ângela. Amarração do quarto elo borromeano na clínica adolescente: contingências da paternidade. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. XXII, n. 1, jan./abr., 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/62121942/Amarra%C3%A7%C3%A3o_Do_Quarto_Elo_Borromeano_Na_Cl%C3%ADnica_Adolescente_Conting%C3%Aancias_Da_Paternidade. Acesso em: 17 abr. 2025.

COSENZA, Domenico. Hacia una clínica del exceso: síntomas contemporáneos y la orientación analítica a lo real. **Revista ABC**, [s. l.], n. 5, p. 71-83, 2011.

CORDEIRO, Leonardo; SANTOS, Lorena., SIVA, Renan; GOMES, Geni. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, [s. l.], v.8, n.11, p.2675-3375, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7729>. Acesso em: 17 abr. 2025.

DELTOMBE, Helene. **Les enjeux de l'adolescence**. Paris: Editions Michéle, 2009.

DERZI, Carla. O corpo em cena na clínica do excesso: conjugação com a adolescência. *In*: DERZI, Carla; MARCOS, Cristina; DURÃES, Flávio, *et al.* **Clínica psicanalítica na atualidade**. Belo Horizonte: Quixote +DO, 2022. p. 47-58.

FAJNWAKS, Fabian. A queda do Outro e o excesso. Uma clínica do litoral. No limits. *In*: DERZI, Carla; MARCOS, Cristina; DURÃES, Flávio *et al.* **Clínica psicanalítica na atualidade**. Belo Horizonte: Quixote +DO, 2022. p. 77-87.

FERREIRA, Hugo. **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018.

FREUD, Anna. **Infanzia e adolescenza**. Torino: Bollati Boringhieri, 2012.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintomas e angústia. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XX)**. Imago, 1976. p. 13-123.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas: volume 12 – Escritos metapsicológicos e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 227-260.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Incompletas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Imago, 1996. p. 11-89.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas** (P. C. de Souza, trad., Vol. 6, p. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.13-172.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GARCIA, Raquel. Sobre a metapsicologia da adolescência. **Constructo: Revista de Psicanálise**, [s. l.], v. 8, n. 1, jan. 2023. Disponível em: <https://revista.constructo.com.br/index.php/home/article/view/44>. Acesso em: 13 abr. 2025.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LIMA, Livia; ROCHA, Tiago. Adolescência e laço social: uma leitura psicanalítica sobre o uso do Facebook. **Revista Subjetividades**, [s. l.], v. 20 (especial 2), e9498, 2020. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9498/pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MARCOS, Cristina; HALLAK, Bruna. A clínica do excesso e a adolescência. *In*: DERZI, Carla; MARCOS, Cristina; DURÃES, Flávio *et al.* **Clínica psicanalítica na atualidade**. Belo Horizonte: Quixote +DO, 2022. p. 59-76.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Adolescent mental health**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RECALCATI, Massimo. A questão preliminar na época do Outro que não existe. **Latusa Digital**, [s. l.], ano 1, n. 7, jul. 2004.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa; AZNAR-FARIAS, Maria. A adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 26; n. 2; p. 227-234, abr./jun. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2025.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre o desenvolvimento da teoria emocional. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Tradução de Álvaro Cabral. 5. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald. **Os processos de maturação e o ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.